

## A JOVEM CATIVA

(André Chénier – 1861)

- “Respeita a fouce a espiga que desponta;  
Sem receio ao lagar o tenro pâmpano  
Bebe no estio as lágrimas da aurora;  
Jovem e bela também sou; turvada  
5 A hora presente de infortúnio e tédio  
Seja embora; morrer não quero ainda!
- De olhos secos o estoico abraça a morte;  
Eu choro e espero; ao vendaval que ruge  
Curvo e levanto a tímida cabeça.  
10 Se há dias maus, também os há felizes!  
Que mel não deixa um travo de desgosto?  
Que mar não incha a um temporal desfeito?
- Tu, fecunda ilusão, vives comigo.  
Pesa em vão sobre mim cárcere escuro,  
15 Eu tenho, eu tenho as asas da esperança:  
Escapa da prisão do algoz humano,  
Nas campinas do céu, mais venturosa,  
Mais viva canta e rompe a filomela.
- Devo acaso morrer? Tranquila durmo,  
20 Tranquila velo; e a fera do remorso  
Não me perturba na vigília ou sono;  
Terno afago me ri nos olhos todos  
Quando apareço, e as fronte abatidas  
Quase reanima um desusado júbilo.
- 25 Desta bela jornada é longe o termo.  
Mal começo; e dos olmos do caminho  
Passei apenas os primeiros olmos.  
No festim em começo da existência →

30 Um só instante os lábios meus tocaram  
A taça em minhas mãos ainda cheia.

35 Na primavera estou, quero a colheita  
Ver ainda, e bem como o rei dos astros,  
De sação em sação findar meu ano.  
Viçosa, sobre a haste, honra das flores,  
Hei visto apenas da manhã serena  
Romper a luz, – quero acabar meu dia.

40 Morte, tu podes esperar; afasta-te!  
Vai consolar os que a vergonha, o medo,  
O desespero pálido devora.  
Pales inda me guarda um verde abrigo,  
Ósculos o amor, as musas harmonias;  
Afasta-te, morrer não quero ainda!” –

45 Assim, triste e cativa, a minha lira  
Despertou escutando a voz magoada  
De uma jovem cativa; e sacudindo  
O peso de meus dias langorosos,  
Acomodei à branda lei do verso  
Os acentos da linda e ingênua boca.

50 Sócios meus de meu cárcere, estes cantos  
Farão a quem os ler buscar solícito  
Quem a cativa foi; ria-lhe a graça  
Na ingênua frente, nas palavras meigas;  
De um termo à vida, há de tremer, como ela,  
Quem aos seus dias for casar seus dias.

MACHADO DE ASSIS

[*Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864, p. 43-45.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.